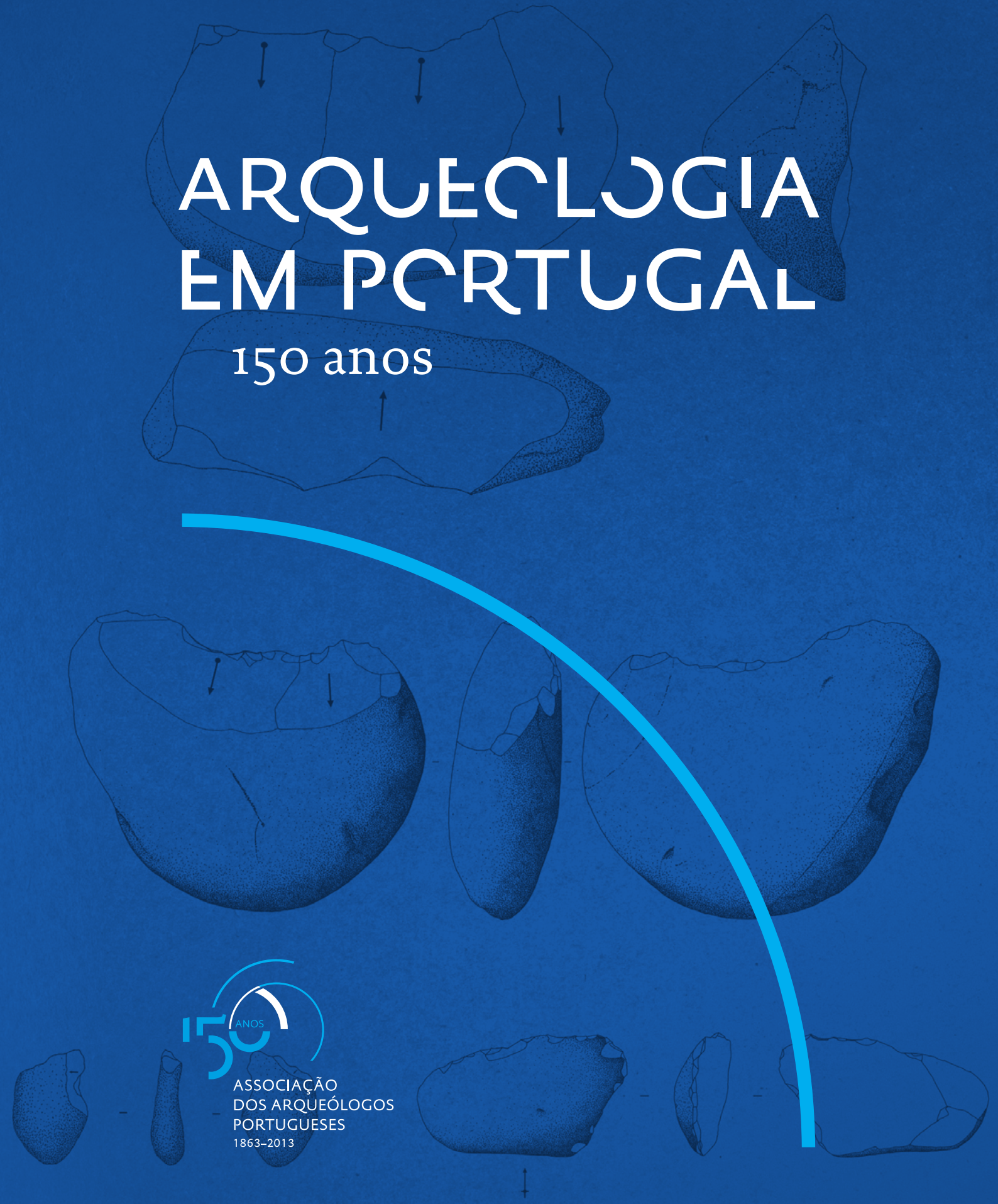
# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

## 150 anos



150 ANOS

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial

Apoio institucional

# A CERÂMICA CAMPANIENSE PROVENIENTE DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA CIDADE DE LISBOA. UMA ABORDAGEM PRELIMINAR

**Vanessa Dias** / vsitimadias@gmail.com

RESUMO:
É intenção da signatária apresentar os vários conjuntos de cerâmica campaniense recolhidos em contexto de arqueologia urbana de diversos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa: Praça da Figueira, Palácio dos Condes de Penafiel, Zara, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Teatro Romano de Lisboa.
O estudo dos exemplares deste tipo cerâmico torna-se bastante importante, pois estes integram, em parte, o período da romanização deste núcleo indígena no extremo ocidente da Península Ibérica.
Assim, os fragmentos de cerâmica de verniz negro de época romana aqui representados ilustram momentos importantes da chegada do exército romano, da sua instalação e consequentemente da alteração dos padrões de consumo na actual Lisboa entre meados da segunda metade do século II a.C. e finais do I a.C.

ABSTRACT:
It is the intention of the author to present multiple sets of campanian ceramic collected in the context of urban archeology of several archaeological sites of Lisbon Praça da Figueira, Palácio dos Condes de Penafiel, Zara, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Teatro Romano de Lisboa.
The study of the specimens of such ceramic becomes quite important because they integrate, in part, the Romanization period of this indigenous centre in the far west of the Iberian Peninsula.
So, the fragments of this roman black gloss pottery represented here, illustrate important moments of the arrival of the Roman army, its installation and consequently the change of consumption patterns in Lisbon between middle of the second half of the second century BC and the end of the first BC.

## INTRODUÇÃO

Entender e estudar as dinâmicas de ocupação antiga de uma cidade como Lisboa não resulta fácil. Vários são os factores que dificultam a compreensão da história tão recuada deste núcleo urbano em constante remodelação: os factores naturais e antrópicos que levaram às alterações do território que esta região ocupa, as próprias dinâmicas de instalação, construção e reconstrução da malha urbana, a dificuldade que a arqueologia em meio urbano encontra, pois os dados obtidos tendem a resultar sempre de intervenções de salvaguarda levadas a cabo por diversas entidades, com todos os seus condicionantes.
Resulta difícil ao arqueólogo a colagem de todos os fragmentos arqueológicos que surgem aleatoriamente pelas várias áreas do centro histórico da antiga *Olisipo.* Acrescente-se que no caso deste estudo e no que à época romana diz respeito, torna-se necessária uma leitura completa de todos os dados existentes sobre a ocupação da cidade. O manancial e o potencial do "documento cerâmico" é grande, e é a partir da sua análise qualitativa e quantitativa que vamos acrescentando conhecimento sobre os modos de vida e de morte desde a chegada do exército romano à desagregação do império neste polo criado no extremo da Península Ibérica.
O conhecimento que podemos retirar das produções de verniz negro romanas descobertas nos vários sítios arqueológicos intervencionados nas últimas décadas na cidade de Lisboa é essencial para compreendermos não só a cronologia da chegada

do exército romano ao vale do Tejo, mas também a lógica de ocupação do território e os ritmos de consumo a partir da segunda metade do século II a.C. e o terceiro quartel do século I a.C.
Estão aqui em análise os fragmentos de cerâmica campaniense exumados nas intervenções de 1999--2001 da Praça da Figueira, de 1994 do Palácio dos Condes de Penafiel, de 2000 da Zara, das várias intervenções realizadas entre 1991 e 1995 no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e de 2005, 2006 e 2011 do Teatro Romano de Lisboa.

## 1. OS CONJUNTOS DE CERÂMICA CAMPANIENSE

### 1.1. Praça da Figueira

Nas intervenções realizadas na Praça da Figueira entre 1999 e 2001 (Silva, 2009), recolheram-se oito fragmentos de cerâmica romana de verniz negro: um de campaniense B Etrusca, dois do tipo A e cinco de fabrico caleno.
Apenas três são passíveis de identificar formalmente (fig. 1). O n.º 1 é um fragmento de uma pátera 7 de Lamboglia (2270 de Morel) em cerâmica campaniense A atribuível a uma fase de produção tardia, o n.º 2 pertence a uma forma 31 de Lamboglia (2960 de Morel) e o n.º 3 faria parte de um pé da forma 2 de Lamboglia (1222 de Morel), ambos em cerâmica campaniense B de Cales, enquadráveis entre 100 a.C. a 20 a.C.
A presença maioritária das produções calenas em detrimento dos fragmentos do tipo A e B Etrusco pode evidenciar uma cronologia de ocupação tardia, uma hipótese difícil de confirmar, uma vez que todos estes elementos se encontram em deposição secundária.
De acordo com esta datação estão os contextos atribuídos à 1.ª fase de ocupação detectada nas escavações modernas da Praça da Figueira, onde dois fragmentos de campaniense e uma parede de ânfora do tipo Dressel 1 permitem um enquadramento cronológico de meados do século I a.C., confluente com o momento de assoreamento do esteio do Tejo que por ali passava desde épocas recuadas (Silva, 2009, p. 104).

### 1.2. Palácio dos Condes de Penafiel

Das escavações arqueológicas efectuadas no Palácio dos Condes de Penafiel provêm quatro fragmentos de campaniense: dois de cerâmica campaniense do tipo B de Cales, um do tipo A e um do tipo B Etrusco. Apenas conseguimos classificar formalmente dois exemplares, o nº 4 é um fabrico caleno na forma 3 de Lamboglia (7557 de Morel) e o nº 5 é um fragmento da forma 4 de Lamboglia (1413-1414 de Morel) de cerâmica campaniense B, com engobe apenas no exterior (fig. 2).
Ambos os fragmentos se enquadram entre a segunda metade do século II a.C. e o terceiro quartel do século I a.C., muito provavelmente, representativos de uma realidade pré-existente e anterior à construção das "Termas dos Cássios".

### 1.3. Zara

Exumaram-se nove fragmentos de cerâmica campaniense nas intervenções da ERA – Arqueologia na loja Zara sita na Rua Augusta. A maioria, sete, são do tipo B de Cales, e dois foram produzidos em cerâmica campaniense de pasta cinzenta. Foi possível classificar formalmente quatro fragmentos: um bordo da forma 7 de Lamboglia (2270 de Morel) (n.º 6), um bordo da forma 31 de Lamboglia (2960 de Morel), n.º 7 e um fundo da forma 1 de Lamboglia (2322-2323 de Morel), n.º 8, com dois círculos concêntricos impressos no fundo interno, produzidos em cerâmica campaniense do tipo B de Cales. O n.º 9, uma produção em cerâmica campaniense de pasta cinzenta, parece corresponder à forma 3121/3122 de Morel. (fig. 3)
Todos estes fragmentos foram encontrados em contextos de deposição secundária, níveis de areia correspondentes à colmatação do esteio que na antiguidade por ali passava para desembocar no Tejo, sendo que apenas a UE[126] nos consegue fornecer algumas pistas quanto à cronologia precisa destes materiais (Jorge, Ferreira & Ramos, 2000).
Esta unidade formou-se a partir do transporte de sedimentos e posteriormente sobre ela foi construída uma estrutura de função desconhecida datada de época Flávia (Jorge, Ferreira & Ramos, 2000, p. 95).
No caso das cerâmicas campanienses exumadas nesta e noutras unidades, o conjunto corrobora com níveis de ocupação republicana tardios. Ressalve-se a inexistência dos fabricos da Câmpania Meridional, estando o tipo B de Cales em clara maioria e representado por formas da sua fase tardia, como é o caso do prato 7 de Lamboglia e da taça 1 de Lamboglia, assim como a presença dos fragmentos de pasta cinzenta, muito provavelmente provenientes do Guadalquivir, produzidos já durante o século I a.C.
Além do verniz negro, aparecem outros fabricos atribuíveis à república, como é o caso dos recipien-

tes ânfóricos do tipo Haltern 70 e Dressel 7B da Bética, produções já da segunda metade a finais do século I a.C. (Jorge, Ferreira & Ramos, 2000, p. 76, 83).

### 1.4. O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros

Durante as intervenções arqueológicas realizadas nas instalações do Banco Comercial Português (Milenium BCP/actual NARC), entre 1991 e 1995 (Bugalhão, 2001) exumaram-se 13 fragmentos de cerâmica campaniense.

A grande maioria provem do Sector 1NE de níveis constituídos por areias (praia) anteriores à construção da via romana e que se formaram naturalmente, através do transporte de sedimentos, sobre os contextos de Idade do Ferro, modificando/estreitanto o esteio de água que desembocava no Tejo e aumentando a área de praia que aí se desenvolvia (Bugalhão, 2001; Bugalhão *et alia*, no prelo, p. 246 e 247).

Dos Sectores 3SE e 3NE provêm apenas três fragmentos dos mesmos níveis de praia fluvial onde em finais do século I a.C. se vieram implantar as primeiras sepulturas da necrópole (Bugalhão, 2001; Bugalhão *et alia*, no prelo).

A cerâmica campaniense dos tipos A e B Etrusca encontram-se totalmente ausentes, estando as produções calenas em maioria, com nove fragmentos, seguida das produções de pasta cinzenta. (fig. 4)

Ao nível formal, foi-nos possível classificar onze fragmentos. No conjunto, predominam as formas 5/7 e 7 de Lamboglia (2250 e 2270 de Morel) (n.º 10, 11 e 13) de fabrico caleno e de pasta cinzenta (n.º 12), seguidas de duas taças da forma 31 de Lamboglia (2960 de Morel) de pasta cinzenta, existindo, ainda, um exemplar da forma 27 de Lamboglia (2820 de Morel) em cerâmica campaniense do tipo B de Cales. De referir que de entre os exemplares de verniz negro de pasta cinzenta se distinguem dois fabricos através das características das pastas. O exemplar n.º 12 apresenta uma pasta cinzenta escura depurada, com poucos minerais brancos e um engobe negro acetinado e homogéneo nos dois lados da peça. Os exemplares 14 e 15 correspondem a fabricos de pasta cinzenta clara, porosa, com muitas partículas de mica, pequenos nódulos de argila e engobe descascado.

Apesar destes materiais não pertencerem a um contexto específico, integrando um grande nível de areal juntamente com espólio mais antigo, as características formais deste conjunto balizam a sua presença no sítio entre o terceiro e o último quartéis do século I a.C. Contribuem para esta datação a ausência dos fabricos de cerâmica campaniense do tipo A e a predominância das produções calenas tardias, como é o caso dos pratos 5 e 7 de Lamboglia (n.º 10 e 16), acompanhadas pelos fabricos de pasta cinzenta do Guadalquivir produzidos até épocas bastante tardias do século I a.C.

Os recipientes ânforicos, também, retirados destes níveis, correspondem em grande parte a produções contemporâneas das cerâmicas campanienses. Surgem vários fragmentos de ânforas do tipo Dressel 1A, Maña C2, Maña Pascual A4 e Haltern 70 Lusitanas produzidas na bacia do Tejo, cuja cronologia de produção é congruente com a ocupação do espaço durante a república (Sabrosa & Bugalhão, 2004; Dias *et alia*, 2012; Bugalhão *et alia*, no prelo, p. 267). Á semelhança do que acontece nos contextos do Castelo de São Jorge estudados por João Pimenta (2005) e nos contextos antigos do Teatro Romano de Lisboa (Filipe, 2008).

Este conjunto sugere a ocupação desta área e/ou das suas proximidades desde a segunda metade do século I a.C., que depois encontra continuidade na ocupação do espaço enquanto necrópole (sectores 3SE e 3NE), no último quartel deste século e na construção de uma via romana próxima dos complexos industriais de preparados piscícolas (sector 1NE).

### 1.5. O Teatro Romano de Lisboa

O conjunto de Cerâmica Campaniense que aqui se apresenta é proveniente das sondagens arqueológicas realizadas em 2005, 2006 e 2011 no pátio do n.º 3 da Rua de São Mamede, área sul anexa ao Teatro, mais concretamente no seu *postcaenium* (Fernandes, 2009, p. 5; Fernandes & Filipe, 2007, p. 229).

Foram exumados 37 fragmentos de cerâmica romana de verniz negro nos níveis de aterro e nivelamento anteriores à fundação do edifício do Teatro, que sabemos ser de meados do século I d.C. (Fernandes & Caessa, 2006-2007) (fig. 5). Dominam as produções calenas com 22 exemplares, seguidas das campaniense do tipo A, 11 fragmentos, estão, também presentes um exemplar de B Etrusca e três de pasta cinzenta. Foi possível classificar formalmente 21 fragmentos, sendo que as formas mais representadas são os pratos 5 e 7 de Lamboglia (2250 e 2270 de Morel) (nº 17, produção calena), 11 fragmentos que representam 29,73% da amostra total, seguidos das formas 1 de Lamboglia (nº22, pasta cinzenta) (2322-2323 de Morel), em menor quantidade estão também presentes as formas 25 (nº 20, produção calena), 27c (nº19, tipo A), 31 (nº

18, tipo A) e 36 de Lamboglia (nº 21, tipo B Etrusco) (2780, 2820, 2960 e 1312 de Morel).
É neste conjunto que nos surge um maior número de decorações, nomeadamente os círculos concêntricos e a decoração a guilhoché fino incisos no fundo das peças, as bandas brancas pintadas no interior das formas 31 de Lamboglia em Campaniense A e as caneluras nos bordos externos da taça 1 de Lamboglia.
A cerâmica campaniense exumada nestas unidades de aterro identificadas na encosta do Castelo insere-se cronologicamente entre segunda metade do século II a.C. e meados da segunda metade do século I a.C., fase final da sua difusão no Mediterrâneo.
No que respeita aos recipientes ânfóricos, nesta época predominam os fabricos da Península Itálica e da Baía Gaditana, nomeadamente os contentores Greco-Itálicos tardios, Dressel 1 de transição e Maña C2b (Filipe, 2008, p. 109 e 110), concordantes com a cronologia apontada para a cerâmica de verniz negro.
Pretende-se desenvolver uma análise mais pormenorizada sobre este conjunto em estudos futuros.

### 1.6. Outros

Existem, ainda, publicados ou não, outros sítios onde se exumaram fragmentos de cerâmica campaniense que importa referir e que em estudos futuros nos trarão novos dados sobre a ocupação republicana de Lisboa.
O sítio de São João da Praça localiza-se na encosta oriental do Castelo e foi algo de intervenção em 2001, esta dirigida por Manuela Leitão (Pimenta, Calado & Leitão, 2005, p. 314). Neste sítio exumou-se um contexto de abandono contendo um fragmento de Dressel Itálica e um fragmento inclassificável de cerâmica campaniense do tipo A, datado de meados da segunda metade do século II a.C. (Pimenta, Calado & Leitão, 2005, p. 320). Identificou-se, também, um fragmento de fundo do tipo B de Cales em níveis de deposição secundária atribuíveis ao final do século II a.C., inícios do I a.C. (Pimenta, Calado & Leitão, 2005, p. 321, Fig. 10).
Na Casa dos Bicos, durante as intervenções da década de oitenta identificou-se um fragmento de uma taça de asa bífida de cerâmica campaniense do tipo B Etrusco da forma Pasquinucci 127, produzida entre 100 e 25 a.C. (Amaro, 2000, p.14), forma bastante rara nos contextos do território actualmente português. Nestes mesmos níveis encontrou-se, também, um fragmento de uma taça de produção de pasta cinzenta que possui afinidades com a forma 2 de Lamboglia (Amaro, 2000, p.44, peça nº4).
No que diz respeito à área do Castelo de São Jorge (topo e encostas), conhecem-se inúmeros sítios onde foram intervencionados contextos datados da primeira fase de ocupação romana, a grande maioria inserido no projecto de estudo das ocupações antigas do Castelo dirigido pelas arqueólogas da DGPC, Ana Gomes e Alexandra Gaspar.
Alguns materiais resultantes desse projecto foram alvo de estudo por João Pimenta na sua tese de mestrado (Pimenta, 2005), nomeadamente, os contentores ânfóricos. Aí, o autor apresenta-nos oito fragmentos de cerâmica campaniense, seis do tipo A, onde predominam as formas 6 e 31 de Lamboglia, um do tipo B etrusco, e uma forma 5 de Lamboglia do "círculo da B, associados a fragmentos de ânfora dos tipos Greco-Itálico, Dressel 1 Itálico, Maña C2b, Tripolitana antiga e classe 9.1.1.1. Estes contextos permitem estabelecer uma cronologia de ocupação do Castelo em época republicana entre 140 e 130 a.C. (Pimenta, 2005, p. 31 a 45).
No início de 2011 contextos semelhantes foram escavados nos nºs 31-35 da Rua do Espírito Santo (Filipe *et alia*, 2013). Aí escavaram-se várias unidades de aterro do período romano republicano, cuja cronologia é semelhante à das outras áreas escavadas no Castelo, meados da segunda metade do século II a.C. Juntamente com os fragmentos de cerâmica campaniense dos tipos A e B, encontraram-se exemplares de ânforas Greco-Itálicas, Dressel 1, Maña C2b e T-9.1.1.1. (Filipe, 2013, p. 8).
Contextos semelhantes foram alvo de intervenção recentemente no Beco do Morro do Castelo, nº16-20. Aqui surgiram níveis de ocupação republicana com diversos materiais em bom estado de conservação, incluindo um grande conjunto de cerâmica campaniense. Estes materiais encontram-se em estudo pelos responsáveis da intervenção arqueológica.
A Era-Arqueologia procedeu a uma acção de salvamento na Rua do Recolhimento onde, também, se exumaram alguns fragmentos de campaniense.
Finalmente, próximo da área do Teatro Romano, já nos limites da encosta do Castelo, no Claustro da Sé foram identificados, durante as intervenções dos anos 90, contextos que se inserem no momento de romanização de *Olisipo*.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS. EM TORNO DA CERÂMICA CAMPANIENSE DE LISBOA

O estudo deste conjunto conduz-nos a várias questões relacionadas com as dinâmicas de instalação, ocupação do espaço e economia antigas que importa realçar. Ao analisar estes dados temos de ter em consideração, primeiro, que o conjunto desta classe de cerâmica fina representa um pequeno grupo face ao que seria o valor real da chegada dos produtos itálicos ao vale do Tejo no período referido e, também, que o reforço do que aqui é escrito depende de um estudo de maior envergadura sobre o tema.

A figura 6 representa o mapa da cidade de Lisboa com a configuração topográfica que teria há dois mil anos atrás (Pimenta, Calado e Leitão, 2007), aí estão assinalados os sítios que foram abordados neste estudo e onde surgiram fragmentos de cerâmica campaniense. Confrontando o mapa com os dados que retiramos da análise da cerâmica de verniz negro conseguimos reconstituir, com as devidas ressalvas, o que pode ter sido o padrão de instalação dos contingentes itálicos que em meados do século II a.C. iniciaram o seu domínio sobre o extremo ocidente.

Conforme demonstram os contextos arqueológicos dos sítios do Castelo, é no seu topo que se encontram os exemplares de cerâmica campaniense mais antigos, cerca de 140 a.C. a 130 a.C. (Pimenta, 2005). Este facto relaciona-se com a geografia das ocupações militares romanas, com as campanhas de Décimo Júnio Bruto, a conquista do núcleo indígena de Olisipo que se situaria no topo do Castelo, e a consequente instalação das tropas e dos primeiros "colonos" itálicos.

Verificamos que num primeiro momento os vernizes negros chegam pelas mãos dos militares e que pouco depois se tornam usuais nos contextos domésticos romanizados. Dominam os fabricos em cerâmica campaniense do tipo A, estando as produções da Etrúria e de Cales em minoria e as pastas cinzentas totalmente ausentes, a par com contentores anfóricos produzidos e difundidos na mesma época, o caso das Tripolitana Antiga, T-9.1.1.1, Greco-Itálicas, Dressel 1 Itálicas e Maña C2b (Pimenta, 2005; Filipe, 2013).

No entanto, no que diz respeito aos contextos tardo-republicanos, estes são mais evidentes nas áreas de encosta e no sopé do Castelo. Observamos essa realidade através dos materiais do Teatro Romano de Lisboa, onde apesar de surgirem vários exemplares do tipo A, as produções de Cales já se encontram em maioria, tal como nos aparecem alguns fragmentos de cerâmica campaniense de pasta cinzenta. Os recipientes ânfóricos acompanham essa tendência (Filipe, 2008).

O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, o Palácio de Penafiel e a Zara, localizados no sopé do Castelo e junto ao antigo braço de água que desaguava no Tejo fornecem-nos datações mais tardias, balizadas em meados da segunda metade do século I a.C., o que aponta para uma deslocação da ocupação de *Olisipo* para as zonas baixas e próximas da costa ainda em época "pré-industrial" e que ganha folego no período dos Flávios. Nestes sítios encontramos apenas fragmentos pertencentes a peças de cerâmica campaniense B de Cales e de pasta cinzenta, alguns deles correspondendo a formas de produção tardia.

Devemos ter em atenção que o espólio aqui tratado surge-nos em deposições secundárias, unidades de aterro ou sedimentação, logo torna-se difícil atribuir cronologias mais precisas. Observamos a existência de uma dinâmica na ocupação do território, num primeiro momento, esta centra-se no topo da área do Castelo de São Jorge, expandindo-se ao longo do século I a.C. pela sua encosta e nas zonas costeiras, muito provavelmente aproveitando os recursos desta cidade portuária.

## AGRADECIMENTOS

Drª. Jacinta Bugalhão, Drª Lídia Fernandes e Prof. Doutor Rodrigo Banha da Silva.

## BIBLIOGRAFIA

ADROHER AUROUX, A. M. e LÓPEZ MARCOS, A. (1996) – Las cerámicas de barniz negro. II. Cerámicas campanienses. *Florentia iliberritana: Revista de estudios de antigüedad clásica*. Granada: Universidad de Granada. Nº7. P. 11 a 37.

ADROHER AUROUX, A. M. e LÓPEZ MARCOS, A. (2000) – Contextos de barniz negro en la Alta Andalucia entre los siglos II y I a.C. In AQUILUÉ ABADÍAS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J coords. (2000) – *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercilizació á la Península Ibérica. Taula Redona* (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/ Universitat Autónoma de Barcelona, p. 149-176.

AMARO, Clementino, ed. (1995) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

AMARO, Clementino (2000) – Percurso Arqueológico através da Casa dos Bicos. In AMARAL, Mª Conceição; MI-

RANDA, Tiago (coords) (2000) – *De Olisipo a Lisboa: a Casa dos Bicos.* Lisboa: Comissão Nacional Para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. 72p.

AQUILUÉ ABADÍAS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J coords. (2000) – La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercilización á la Península Ibérica. Taula Redona (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/Universitat Autónoma de Barcelona.

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 15).

BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de; DUARTE, Cidália (no prelo) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia.* 16. Lisboa: DGPC.

DIAS, Mª Isabel; TRINDADE, Mª; FABIÃO, Carlos; SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta; RAPOSO, Jorge; GUERRA, Amílcar; DUARTE; Ana Luisa; PRUDÊNCIO, Mª (2012) – Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Volume 19. Oeiras: Câmara Municipal. p. 57 a 70.

FERNANDES, Lídia; CAESSA, Ana (2006-2007) – O *proscaenium* do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Revista Arqueologia e História.* nº 58/59. Lisboa: AAP. p. 83-102

FERNANDES, Lídia; FILIPE, Victor (2007) – Cerâmicas de Engobe Vermelho Pompeiano do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Volume 10. Número 2. Lisboa: DGPC. P. 229 a 253.

FERNANDES, Lídia (2009) – *Intervenção arqueológica no Teatro Romano de Lisboa. Campanhas arqueológicas de 2005 e 2006.* Relatório de progresso [não publicado].

FILIPE, Victor (2008) – *As Ânforas do Teatro Romano de Lisboa.* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].

FILIPE, Victor; CALADO, Marco; FIGUEIREDO, Margarida; CASTRO, Anabela (2013) – Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan Online.* Nº17. Tomo II. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. p. 6 a 12.

JORGE, Ana Sofia; FERREIRA, Mª Mulize; RAMOS, Rita (2000) – Intervenção preventiva do edifício da Zara na Rua Augusta (75 e 61-69), Lisboa. Relatório de escavação [não publicado].

LAMBOGLIA, N. (1952) – Per una classificazione preliminare de la ceramica campana. In *I Congresso Internazionale di Studi Liguri.* Bordighera: Instituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.

LAMBOGLIA, N. (1958) – Lo studio della ceramica campana. *Rivista di Studi Liguri.* Bordighera. 24:1-2, p. 187.

MARÍN JORDÁ, C; RIBERA I LACOMBA, A (2001) – Las ceramicas de barniz negro de Cales en Hispania ( y las Galias). in PEDRONI, Luigi dir. (2001) – *Ceramica Calena a vernice nera.* Prudozioni idiffusioni. Cittá di Castello: Pedruzzi editore. P. 246 a 295.

MOREL, J.-P. (1978) – A propos des céramiques campaniennes de France et d'Espagne. *Archéologie en Languedoc.* LOCAL. 1.p. 149-168.

MOREL, J-P (1980) – La céramique campanienne: acquis et problémes. In

MOREL, J.-P. (1981) – *La Céramique Campanienne. Les Formes.* Bibl. Ec. Fr. d'Athènes et Rome. 2 vols. Roma.

MOREL, J-P; PICON, M (1994) – Les céramiques étrusco--campaniennes; recherches en laboratoire. In-OLCESE, G dir. (1994) - Ceramica *romana e archeometria : lo stato degli studi.* Florence: Atti delle giornate internazionali di studio (Castello di Montegufoni, 1993). p.23-46.

PEDRONI, Luigi (1986) – *Ceramica a vernice nera da Cales.* Nápoles: Liguori. 408p.

PEDRONI, Luigi (1990) – *Ceramica a vernice nera da Cales II.* Nápoles: Liguori. 296p.

PEDRONI, Luigi dir. (2001) – *Ceramica Calena a vernice nera.* Prudozioni i diffusioni. Cittá di Castello: Pedruzzi editore.

PÉREZ BALLESTER, J. (2009) – La cerâmica de barniz negro. In BERNAL CASASOLA, D; RIBERA I LACOMBA, A. Coords. (2009) – *Ceramicas Hispanorromanas. Un estado de la question.* (Actas do XXVI Congreso Internacional de la Associación Rei Cretariae Romanae Fautores). Universidade de Cádiz. p. 263 a 275.

PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa).* Trabalhos em Arqueologia 41. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 163p.

PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Volume 8. Número 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 313 a 334.

PY, M. dir. (1993) – Lattara 6, Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan). France: Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental.

SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta (2004) – As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Cor-

reeiros, Lisboa. In: *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*, Universidade de Cádis, Noviembre 2003. BAR – International Serie 1266. Oxford, p. 571-586.

SILVA, Rodrigo Banha da (2009) – Arqueologia Viária Romana Em Lisboa: A I.A.U. Da Praça Da Figueira. *Actas da Mesa Redonda De Olisipo a Scallabis – A rede viária romana no Vale do Tejo*. p. 98 a 116.

RIBERA I LACOMBA, A.; CALVO GALVEZ, M. (1995) – La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo. *Journal of Roman Archaeology 8*. E.U.A: Ann Arbor. P. 19 a 40.

RIBERA I LACOMBA, A. (coord.) (2013) – *Manual de Cerámica romana del Mundo Helenístico al Imperio Romano*. Madrid: Museu Arqueológico Regional. 500p.

VENTURA MARTÍNEZ, J. J. (1985) – La cerámica campaniense "C" y pseudocampaniense de pasta gris en la Provincia de Sevilla. *Lucentum*. Alicante. 4. p. 125-132.

VENTURA MARTÍNEZ, J. J. (2000) – La ceràmica de barniz negro de los siglos II – I a.C. en Andalucía Occidental. In AQUILUÉ ABADÍAS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J coords. (2000) – *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercilización á la Península Ibérica. Taula Redona* (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/Universitat Autónoma de Barcelona. p. 177-215.

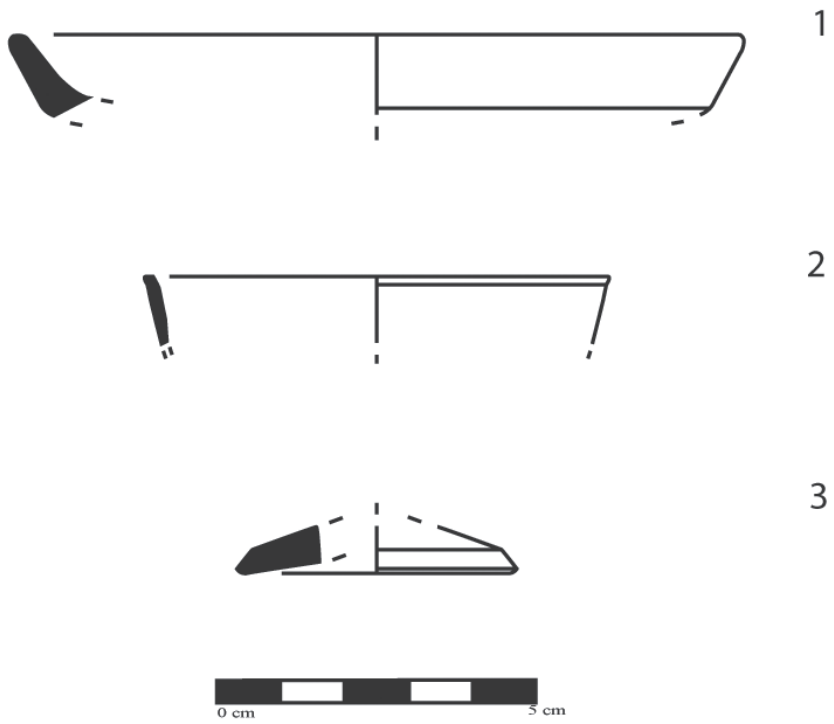



Figura 1 – Cerâmica Campaniense da Praça da Figueira. (autoria: Vanessa Dias)

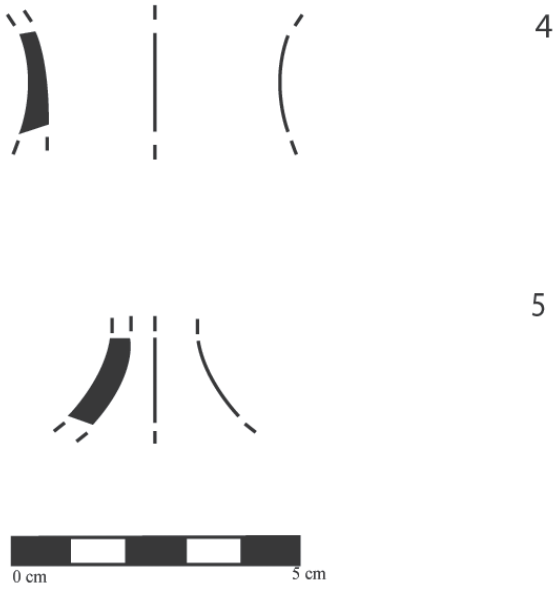



Figura 2 – Cerâmica Campaniense do Palácio dos Condes de Penafiel. (autoria: Vanessa Dias)

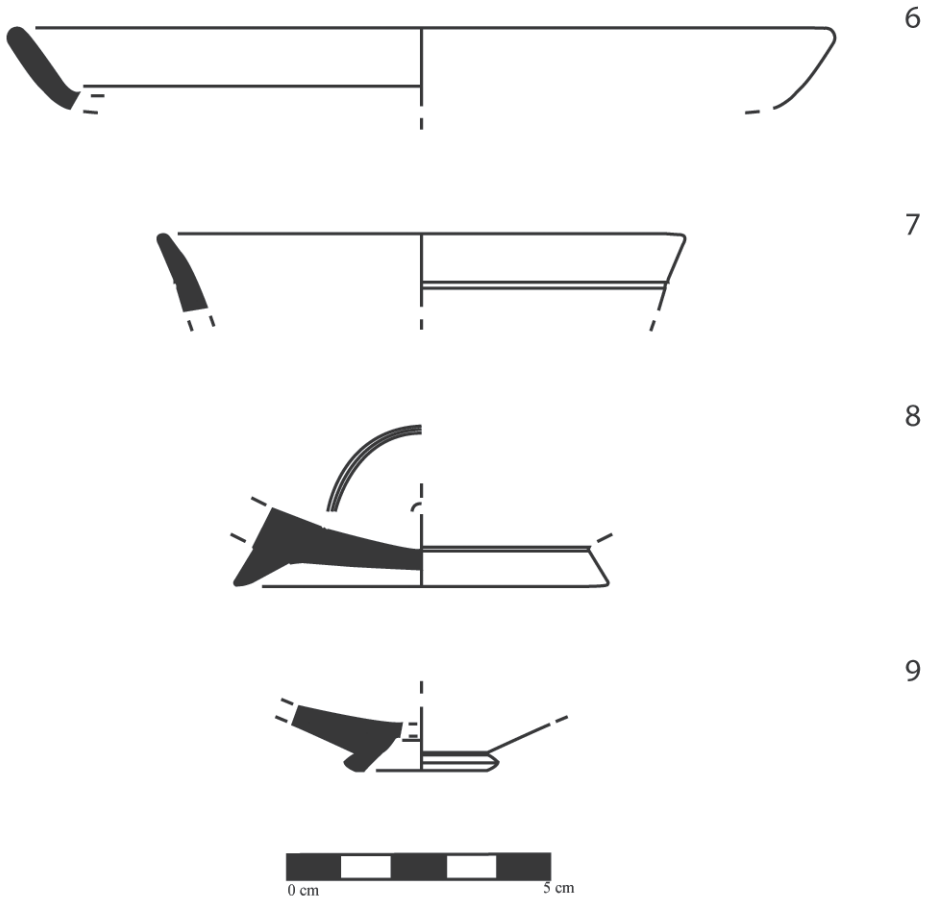



Figura 3 – Cerâmica Campaniense da Zara. (autoria: Vanessa Dias)

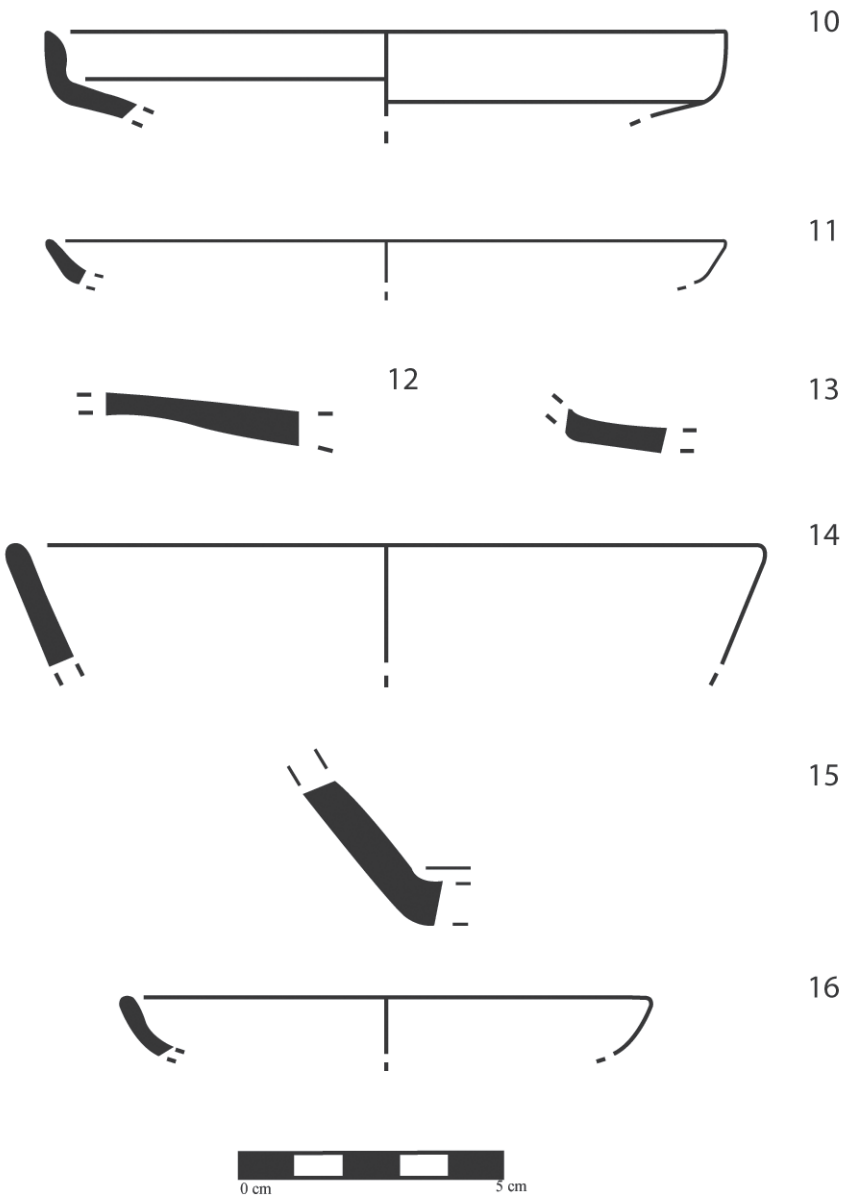



Figura 4 – Cerâmica Campaniense do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. (autoria: Vanessa Dias)

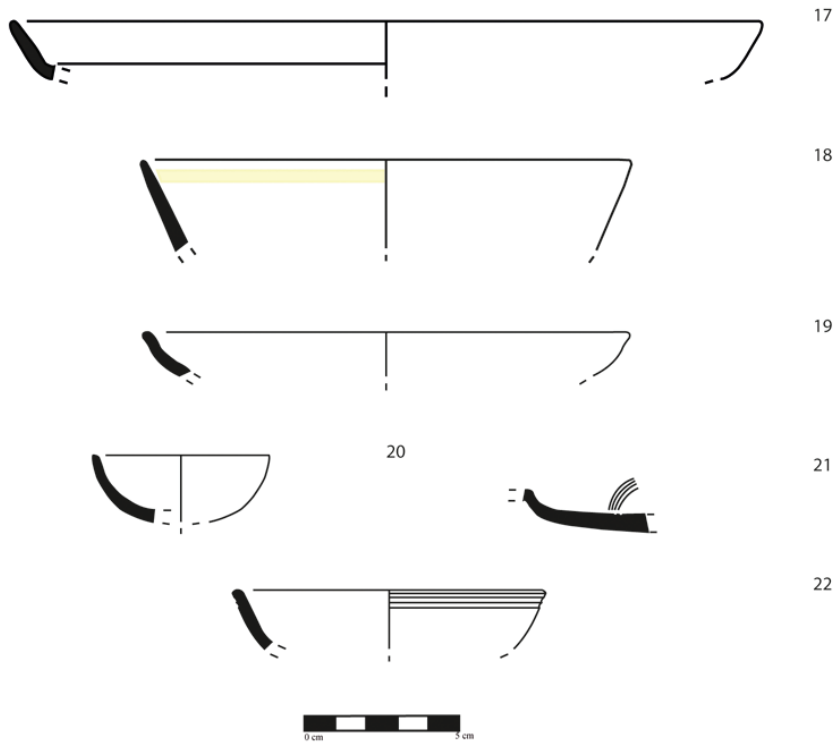



Figura 5 –Cerâmica Campaniense do Teatro Romano de Lisboa (Rua de São Mamede). (autoria: Vanessa Dias)

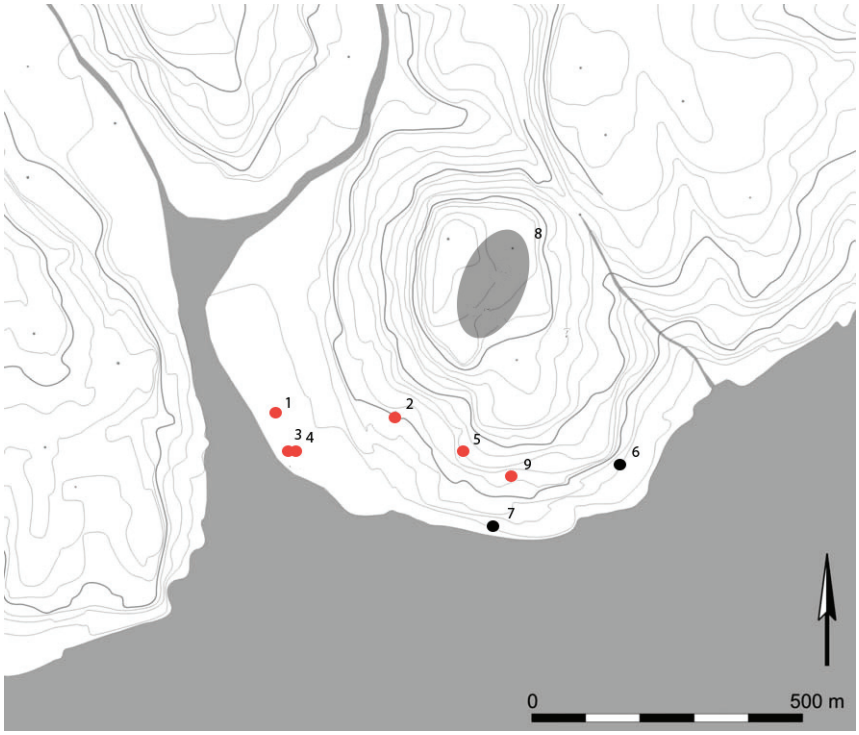



Figura 6 –Mapa dos sítios arqueológicos com cerâmica campaniense. (Pimenta, Calado e Leitão, 2007, adaptado).

1 – Praça da Figueira. 2 – Palácio Condes de Penafiel, 3 – Zara, 4 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, 5 – Teatro Romano de Lisboa, 6 – Rua São João da Praça, 7 – Casa dos Bicos, 8 – Núcleo do Castelo, 9 – Sé.

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

Apoio institucional

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

GOVERNO DE
PORTUGAL

Parques de Sintra
Monte da Lua